

GD 03 -MODALIDADES DIFERENCIADAS DE ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

COORDENAÇÃO:

Katiuscia C. Vargas Antunes
Doutora em Educação pela UERJ

Kássia Gomes
Mestranda em Sociologia pela UFAL

Apresentação

Este grupo de discussão tem por objetivo acolher trabalhos que discutam as modalidades diferenciadas de ensino, nos termos da legislação educacional brasileira e o ensino de Ciências Sociais, no cenário de luta pela garantia de direitos dos grupos às quais se destinam as modalidades diferenciadas de ensino, a saber: Educação Especial, Educação Indígena, Educação Quilombola, Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos, Educação de Jovens e Adultos em situação de privação de liberdade, Educação Profissional e Tecnológica e Educação a distância e Educação escolar para populações em situação de itinerância. Esse grupo de discussão se justifica pelo fato de possibilitar uma reflexão acerca do ensino de sociologia nesses contextos, especialmente no que se refere a currículos, metodologias, formação inicial e continuada de professores e aos aspectos gerais do trabalho docente. No contexto das políticas públicas brasileiras, não só no campo da educação, mas em outras áreas, é fundamental fomentar o debate sobre a garantia e ampliação dos direitos sociais das populações sujeito das modalidades diferenciadas de ensino para que se consolide o pleno exercício da cidadania das mesmas, com reconhecimento e afirmação de suas identidades e respeito às diferenças.

A RELAÇÃO ENTRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA, O CINEMA E AS QUESTÕES DE GÊNERO

Romualdo Batista Malaquias
Universidade Federal de Campina Grande

Yasmin Lira da Silva
Universidade Federal de Campina Grande

Julio Marcelo Leite Patriota
Universidade Federal de Campina Grande

Esta pesquisa aborda a utilização do cinema como forma de se trabalhar as Questões de Gênero no Ensino de Sociologia do ensino médio. Nesse sentido, investiga primeiramente a relação entre o cinema e a Sociologia através da produção de conceitos-imagens e problematiza as questões de gênero e a Sociologia. Em seguida, apresentamos a relação entre cinema e questões de gênero, em que o cinema coloca-se como recurso didático importante nas aulas de Sociologia. O objetivo geral foi compreender como, no ensino de Sociologia, podemos trabalhar questões de gênero utilizando o cinema como recurso metodológico, trazendo objetivos específicos como, analisar a relação entre o ensino de Sociologia e o cinema; compreender como o cinema expressa os aspectos constitutivos das identidades de gênero.

A metodologia utilizada é qualitativa de natureza básica, exploratória e bibliográfica. O referencial teórico resulta de uma articulação entre os conceitos de compreensão do corpo na obra *O segundo sexo* (2016), de Simone de Beauvoir, e a construção de subjetividade na obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2018), de Judith Butler; e o de conceito-imagem presente na obra *O cinema pensa: uma introdução à Filosofia através dos filmes* (2006), de Júlio Cabrera.

O cinema como recurso midiático vem conquistando cada dia mais públicos, de diversas idades – desde crianças até idosos. Além de ser um meio de lazer; uma forma de entretenimento, o cinema pode ser usado como artifício metodológico. As mídias causam um impacto positivo na vida escolar, fugindo do âmbito do livro e ampliando o horizonte de possibilidades para a utilização desse recurso. Compreendemos que o livro didático ainda é um meio muito forte para pesquisa e discussões em sala de aula.

O livro que outrora exclusivamente auxiliava nas salas de aulas, hoje ganha novas versões. Livros digitais, receberam complementos, novas seções, novos modelos de materiais didáticos, podendo ser interativos. Assim, não podemos ficar restritos apenas ao modelo tradicional de ensino, mas devemos nos direcionar a outros modelos, com os mais diversos recursos metodológicos disponíveis ao alcance geral como, o cinema, a música, os jogos, entre outros. Diante do exposto, não estamos desvalorizando o livro didático, mas proporcionando uma espécie de apoio para a utilização de outros artifícios metodológicos. Nossa sociedade está cada vez mais dependente das tecnologias e como as escolas estão incluídas na sociedade, elas podem ser um meio em que essas tecnologias serão usadas para fins metodológicos.

Tiremos como exemplo o que aconteceu e está acontecendo durante a pandemia da Covid-19, que assola o Brasil e o mundo neste momento, e coube às escolas realizarem aulas de forma remota, utilizando as plataformas de ensino, o YouTube, vídeos através dos celulares, entre outros meios para não parar de vez o ensino nas escolas do país. Sabemos que existem várias formas de artifícios metodológicos, nosso trabalho nesse contexto é o cinema, como ele pode ajudar no âmbito da sala de aula.

Observamos que o cinema está sendo um recurso viável para o ensino, e daí vem a questão: como podemos usar o cinema como instrumento de ensino? O resultado alcançado mostra que o cinema como ferramenta metodológica em sala de aula tem muito a contribuir para o ensino de Sociologia no ensino médio.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo**: Volume 1. 3 ed. Rio de Janeiro - RJ- Brasil: Nova Fronteira, 2016.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CABRERA, J. **O cinema pensa**: uma introdução à filosofia através dos filmes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DESAFIOS NA DOCÊNCIA EM SOCIOLOGIA NO CONTEXTO DE PANDEMIA DA COVID-19: estudo de caso em uma escola pública de Olinda – PE

Eduardo Maia de Paiva
Universidade Federal de Pernambuco

A garantia da Sociologia nas escolas de todos os estados do país foi um acontecimento importante, mas estar presente enquanto disciplina obrigatória não significa que seus conteúdos serão abordados de forma satisfatória e acessível aos alunos e alunas. Há uma gama relevante de trabalhos científicos (FERREIRA, OLIVEIRA, 2015; MOCELIN, 2019; BODART, 2019) tratando da importância desta ciência na educação básica e sobre a sua função social na construção da cidadania do educando, mas também se percebe necessária a produção de mais pesquisas que abordem a experiência dela nas escolas do ensino médio no Brasil, visando possibilitar maior aprofundamento sobre essa discussão, de acordo com as diferentes realidades observadas pelo país afora.

Entende-se que a experiência de ensinar Sociologia para o público do ensino básico no Brasil enfrenta alguns problemas específicos, como são apontados por Silva (2008):

A falta de tradição, experiência e pesquisa sobre o ensino de Sociologia; a falta de material didático adequado aos jovens e adolescentes; a falta de metodologias alternativas e eficazes no ensino desta disciplina e a falta de investimento na formação do professor (SILVA, 2008, p. 03).

Seguindo essa linha de raciocínio, Bodart e Feijó (2020) enumeram, pelo menos, três causas que ajudam na compreensão da importância de se colocar a Sociologia no subcampo de pesquisa atualmente, que são “[...] a) a pouca tradição da disciplina no currículo escolar nacional; b) as disputas em torno do modelo de educação fortemente influenciado pelo neoliberalismo e; c) os “movimentos” anti-intelectuais que se ampliam no Brasil contemporâneo” (BODART; FEIJÓ, 2020, p. 19).

Além disso, com a chegada no início do ano de 2020 do novo coronavírus⁵ (SARS-CoV-2), diversos impactos começaram a ser sentidos no território brasileiro. Como consequência, as aulas presenciais na educação básica e no ensino superior

⁵ Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias e outros problemas de saúde em seres humanos (OMS, 2020).

foram suspensas no dia 17 de março de 2020, pelo Ministério da Educação – MEC (BRASIL, 2020), como uma medida para evitar a propagação do vírus.

Cabe destacar que diante dessa situação de pandemia⁶ da Covid-19, uma nova configuração no funcionamento das instituições educacionais precisou ser implementada e, com isso, cada estado da federação começou a organizar um sistema de ensino remoto para atender os alunos da educação básica nesse período de distanciamento social. Em Pernambuco, por exemplo, através de comunicado da Secretaria de Educação e Esportes, foi informado que na rede estadual de ensino, desde o dia 6 de abril de 2020, as aulas passaram a ser transmitidas pela televisão e pela internet, através da plataforma digital chamada “Educa-PE”. Provocando assim, uma alteração por completo na rotina de trabalho dos profissionais da educação e nos estudos de milhares de alunos, que permaneceu desta maneira até meados do ano de 2021.

Partindo dessas considerações, através desta pesquisa, é realizado um estudo de caso sobre o ensino de Sociologia na Escola Estadual Raimundo Diniz, localizada na cidade de Olinda - PE. Compreende-se neste trabalho, enquanto questão central, a necessidade de investigar os desafios enfrentados na prática docente a partir do ponto de vista dos profissionais da educação que estão à frente da disciplina no espaço escolar e que vivenciam cotidianamente esse processo de transformação impactado pelo cenário político-social do país, e pelas consequências da pandemia do novo coronavírus no mundo.

Diante do apresentado busco, de forma geral neste trabalho científico, contribuir para a reflexão sobre os dilemas e desafios vivenciados por professores que ministram a disciplina de Sociologia em uma escola pública do município de Olinda - PE no período de impacto do novo coronavírus no Brasil. Com isso, a metodologia de pesquisa utilizada foi do tipo qualitativa, com a realização de um estudo de caso em que foram aplicadas entrevistas semiestruturadas junto a cinco docentes responsáveis por lecionar Sociologia no espaço escolar em questão. O consequente diagnóstico dos dados levantados se deu a partir da técnica de análise

⁶ Uma pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes, com transmissão sustentada de pessoa para pessoa (OMS, 2020).

de conteúdo, para posteriormente, possibilitar a compreensão de quais são as dificuldades e problemáticas enfrentadas por esses profissionais para executarem o ensino da Sociologia, durante o contexto de pandemia da Covid-19.

As entrevistas foram realizadas ao longo do mês de novembro de 2021 com cinco professores que ministram aulas de Sociologia na Escola Estadual Raimundo Diniz, localizada no bairro de Águas Compridas, na cidade de Olinda - PE. A escolha dessa instituição de ensino se deu pelo fato de ser uma escola de grande porte, que é referência na periferia do município. Todas as entrevistas foram gravadas e realizadas presencialmente no espaço escolar citado, através do uso de um aparelho celular e com os devidos cuidados de prevenção contra a Covid-19, como a utilização de máscara, de álcool em gel e respeito ao distanciamento social.

Na instituição de ensino onde foi desenvolvida a pesquisa, foi observado que nenhum dos cinco docentes entrevistados são formados em licenciatura ou bacharelado no curso de Ciências Sociais. Nesse sentido, apesar de todos terem sinalizado a compreensão da necessidade e da importância desta ciência estar presente no currículo escolar, quatro dos cinco participantes deste estudo mencionaram não se sentirem totalmente aptos a darem aulas de Sociologia no ensino médio. Dessa forma, entende-se um cenário preocupante para garantir um ensino desta ciência com qualidade e de forma acessível para os estudantes.

Um outro ponto relevante apontado por este estudo de caso, foram as dificuldades latentes apresentadas pelos professores quanto ao domínio no uso das plataformas digitais para promoverem a realização das aulas no momento de ensino remoto emergencial. Eles relataram algumas problemáticas em conseguirem interagir com os estudantes durante este período, se limitando muitas vezes a fornecerem atividades e conteúdos apenas pela plataforma do WhatsApp e sem necessariamente terem uma adesão satisfatória.

Alguns dos outros desafios enfrentados pelos professores de Sociologia neste momento de crise sanitária foram os de instabilidade na internet utilizada em suas residências, que caíam diversas vezes, e com isso os atrapalhava em momentos de preparar e ministrar as aulas, os ruídos e barulhos na localidade onde residem que interferiram negativamente nas situações de produção dos materiais didáticos, os gastos pessoais que tiveram na adaptação para realizarem o ensino remoto em suas

residências, além do fato de nem todos terem conseguido acompanhar as formações oferecidas pelo Governo do Estado, que visavam garantir uma melhor apropriação sobre as ferramentas tecnológicas, algo que impactou para que existissem profissionais deficientes de domínio nas atividades virtuais.

Dessa forma, entende-se que o trabalho remoto e o ensino a distância, apesar de serem vistos como exemplos de uma sociedade que caminha para a revolução digital, podem apresentar desvantagens. Com isso, eles precisam ser destacados, principalmente, no que tange ao ensino público gratuito. Por mais que as tecnologias educacionais sejam promissoras, seus resultados positivos aparecem quando são utilizadas por profissionais devidamente capacitados para essa demanda de trabalho e com a efetiva participação dos estudantes no ambiente virtual de aprendizagem. Sem a devida qualificação profissional e a democratização dos recursos tecnológicos, os resultados não serão promissores, como foi visto na realidade observada.

Além disso, uma questão importante ressaltada pelos docentes diante deste cenário, foi que o público atendido por esta escola estadual era, muitas vezes, composto por famílias de baixa renda e moradoras de periferia, isso impactou na ausência de participação nas aulas por parte de alguns alunos, que alegaram não possuírem recursos tecnológicos que permitissem o acompanhamento do ensino remoto e, com isso, ficaram sem poderem estudar. Sendo assim, expondo uma violação de direito previsto na Constituição Federal de 1988, que propõe em seu artigo 5º (BRASIL, 1988) garantir através do Estado, acesso à educação pública e gratuita à população.

Dessa maneira, esta pesquisa conseguiu trazer detalhes sobre as adversidades enfrentadas pelos professores de Sociologia na Escola Estadual Raimundo Diniz e que a ausência de ações mais efetivas por parte do poder público durante o período de aulas remotas emergenciais, com relação à promoção de apoio técnico e material aos docentes e discentes foi decisivo para o aprofundamento das limitações em se garantir um ensino de Sociologia com qualidade e acessível aos estudantes do ensino médio.

Por fim, busco através deste estudo ter contribuído com as discussões acadêmicas sobre o ensino da Sociologia no Brasil, trazendo as especificidades e

as experiências dos profissionais da educação que atuam em uma escola pública da cidade de Olinda - PE, no ano de 2021. Com isso, este presente trabalho também trouxe uma percepção acerca das crises de sentido que não perpassam só o oferecimento da disciplina de Ciências Sociais no currículo básico, mas a escola como um todo.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Constituição (1988). Título II Dos Direitos e Garantias Fundamentais. Capítulo I. Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos. Art. 5º. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Constituição (1988). **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 08 de agosto. 2021.

BODART, Cristiano das Neves. A construção conceitual e empírica do subcampo ensino de Sociologia. In: BODART, Cristiano das Neves; SAMPAIO-SILVA, Roniel Sampaio Silva. (Org.). **O ensino de Sociologia no Brasil**, vol.2. 1ed.Maceió/AL: Editora Café com Sociologia, 2019, v. 2, p. 11-38.

BODART, Cristiano das Neves; FEIJÓ, Fernanda. A importância da Sociologia Escolar: esclarecimentos necessários em tempo de obscurantismo. In: BODART, Cristiano das Neves; ROGÉRIO, Radamés de Mesquita (org.). **A importância do ensino das Ciências Humanas: Sociologia, Filosofia, História e Geografia**. 1. ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

FERREIRA, Vanessa; OLIVEIRA, Amurabi. O Ensino de sociologia como um campo (ou subcampo) científico. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 37, n. 1, p. 31-39, 2015.

MOCELIN, Daniel Gustavo. O campo da sociologia escolar. Anais. In: **19º Congresso Brasileiro de Sociologia**, UFSC, julho de 2019, Florianópolis - SC, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**. 2020.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. **A sociologia no ensino médio, conteúdos e metodologias**: perfil no primeiro ano em implantação nas escolas de Londrina e região. Disponível em: <www.uel.br>. jun. 2008.

DIÁLOGOS SOCIOLÓGICOS: aprender e apreender Sociologia a partir de temáticas contemporâneas interdisciplinares

Gabriel Bandeira Coelho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Conforme ressalta Bridi (2009), a Sociologia é uma disciplina cujo principal objetivo é fazer os alunos refletirem sobre a realidade social múltipla e complexa em que vivem e se relacionam. Nesse sentido, a Sociologia pode contribuir para o desenvolvimento da consciência social, tornando o aluno preparado a lidar com a vida em sociedade, ou seja, um cidadão crítico e consciente dos problemas sociais que permeiam seu cotidiano (BRIDI, 2009).

Quando nos tornamos professores, uma das questões que mais fazem parte de nossos dilemas é como avaliar uma determinada turma. Dado o fato de que a sala de aula possui uma gama de diversidade – e isso é um grande desafio a ser encarado pelo docente –, na medida em que proporciona, a partir desta multiplicidade, uma interligação entre a prática e a teoria trabalhadas no âmbito acadêmico, como podemos ser criativos no momento da avaliação? Como não cairmos na inalterabilidade? Como podemos fazer com que os estudantes participem com dedicação e vontade da avaliação sem ser apenas pela nota no final do semestre? Como podemos criar ferramentas que instiguem tais estudantes a pesquisarem e a apreenderem um determinado conteúdo, visando, acima de tudo, um processo de ensino-aprendizagem centrado na autonomia dos sujeitos que fazem parte desse cenário?

Assim, um dos maiores desafios da disciplina de Sociologia, atualmente, ministrada no ensino médio para jovens das mais variadas singularidades sociais, é fazer com que os estudantes encontrem a importância desta disciplina para sua vida, tanto pessoal como profissional. Deve o professor, portanto, ser criativo, pesquisar constantemente, saber perceber a turma nos seus detalhes, em níveis interpessoais e também intrapessoais, instigando a classe a pesquisar e questionar, estimulando alunos a buscarem serem sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Concordamos com Amaury (2007, p. 395) quando o autor afirma que nós, professores de Ciências Sociais, devemos identificar “o que nos

falta, ou o que temos que aprender, para que o ensino de Ciências Sociais rompa preconceitos internos e, com isso, alargue suas fronteiras e conquiste legitimidade para além dessas fronteiras”.

É por conta dos argumentos até aqui elencados que tal projeto de extensão encontra guarida na concepção de educação libertadora do educador brasileiro Paulo Freire, para quem a educação bancária e tradicional (positivista) deve ser superada, pois não basta apenas depositar o conteúdo na mente dos alunos e depois sacá-lo em uma avaliação, em um processo de ensino-aprendizagem deslocado do contexto cultural desse aluno, sendo os estudantes vistos passivamente, enquanto o professor é o único possuidor de saber dentro da sala de aula (FREIRE, 1994). É necessário, segundo disserta Freire em *Pedagogia da Autonomia*, contextualizar o ambiente do qual provêm os alunos e, também, a escola, para que a relação estudantes/professor seja pautada em uma via de mão dupla no processo de ensino e aprendizagem, formando sujeitos críticos e ativos que desenvolvam autonomia para desnaturalizar os processos sociais, formando, portanto, suas próprias críticas em relação à sociedade em que se encontram inseridos.

Frente ao exposto, o presente projeto de extensão tem como objetivo realizar oficinas de debates sobre determinadas temáticas sociais contemporâneas, a partir do ensino de Sociologia em algumas das escolas públicas estaduais de ensino médio de Porto Alegre, contemplando as três séries deste último (1^a, 2^a e 3^a). Contudo, os debates não seriam feitos simplesmente com a eleição de uma temática e todos fariam o que sabem sobre. Por exemplo, se em determinadas turmas, o assunto acordado para ser explorado é “Desigualdade social no Brasil”, um grupo de estudantes dessas turmas, juntamente com um ou dois estudantes de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) farão uma exposição, em forma de seminário, sobre o tema. Além de servir como um guia às discussões, a elaboração dos seminários integra o estudante de ensino básico e o estudante de graduação em uma importante troca de experiências entre ambos.

Por conseguinte, o projeto ora proposto aqui somente seria possível se os estudantes da licenciatura em Ciências Sociais da UFRGS, coordenados pelo professor responsável pelo projeto, se engajassem em tal empreitada, pois somente com eles existiria a possibilidade de atender o maior número de escolas possíveis

na cidade de Porto Alegre. Os licenciandos teriam como responsabilidades, sobretudo, escolher os textos e ajudar na montagem dos seminários e das atividades afins, em parceria com os docentes de Sociologia das escolas elegidas pelo projeto. Isso aconteceria, evidentemente, após diálogo com a escola e permissão para colocarem em prática o projeto junto aos professores responsáveis pela Sociologia na escola em que forem atuar. Tal prática não só ajudaria o professor que está em sala de aula, como os alunos das escolas e, sem dúvida, o próprio discente de Ciências Sociais, que aprenderia muito sobre o processo de ensino-aprendizagem estando ali, no cotidiano escolar, frente a frente com a realidade. Não obstante, acreditamos que este projeto colaboraria com as demais disciplinas pedagógicas da licenciatura em Ciências Sociais, sobretudo às relacionadas ao estágio docente.

Tendo em vista as diretrizes que regem a atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada pelo Ministério da Educação em 2018, sobretudo em relação ao ensino de Sociologia no ensino médio, observamos a importância que os diálogos e debates possuem para a formação cidadã dos estudantes do mencionado período escolar. Segundo aborda o documento, ao favorecimento dos processos de simbolização e abstração faz-se necessário o desenvolvimento de capacidades de observação, memória e abstração, cujo fim é o de estimular nos discentes, percepções mais detalhadas acerca de sua própria realidade, não só em nível local, mas também global. Ademais, tal processo facilita um olhar mais robusto e complexo ao mundo social através de um maior número de variáveis e de uma mais ampla variedade de linguagens em direção à intensificação dos questionamentos por parte dos jovens sobre si e o mundo em que vivem (BRASIL, 2018).

Tal fato, ainda conforme a BNCC, possibilita a esses jovens, “não apenas compreender as temáticas e os conceitos utilizados, mas também problematizar **categorias, objetos e processos**” (BRASIL, 2018, p. 548 - grifos dos autores). A partir disto, também, “propor e questionar **hipóteses** sobre as ações dos sujeitos, identificando **ambiguidades e contradições** presentes, tanto nas condutas individuais como nos processos e nas estruturas sociais” (BRASIL, 2018, p. 548 - grifos dos autores). Podemos inferir, diante do exposto, a centralidade do diálogo

entre indivíduos e grupos sociais no processo de desenvolvimento crítico e cidadão dos estudantes, pois é a partir do diálogo e dos debates que criamos possibilidades de compreensão e aplicação de conceitos e categorias trabalhadas nas Ciências Humanas, em especial, na Sociologia (BRASIL, 2018). Nesse sentido:

Além de promover essas aprendizagens no ensino médio, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas tem ainda o grande desafio de desenvolver a capacidade dos estudantes de estabelecer **diálogos** entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas. Para tanto, propõe habilidades para que os estudantes possam ter o **domínio** de conceitos e metodologias próprios dessa área. As operações de identificação, seleção, organização, comparação, análise, interpretação e compreensão de um dado objeto de conhecimento são procedimentos responsáveis pela construção e desconstrução dos significados do que foi selecionado, organizado e conceituado por um determinado sujeito ou grupo social, inserido em um tempo, um lugar e uma circunstância específicos (BRASIL, 2018, p. 548 - grifos dos autores).

A BNCC é enfática quando afirma que é a partir do diálogo que os estudantes elaboram argumentos, criam hipóteses, sistematizando, portanto, dados adquiridos de fontes sólidas e confiáveis (BRASIL, 2018). Com efeito, a produção de determinada hipótese, conforme indica o documento, é considerada o primeiro passo em direção ao diálogo, pois é mediante o debate que surge a possibilidade de exposição ao diferente, ao contraditório. Sendo assim, “é por meio do diálogo que os estudantes ampliam sua percepção crítica tanto em relação à produção científica quanto às informações que circulam nas mídias, colocando em prática a **dúvida sistemática**, elemento essencial para o aprimoramento da conduta humana” (BRASIL, 2018, p. 548 - grifos dos autores).

De posse desses argumentos, como já abordamos, nossa proposta não é a de sortear um tema e discuti-lo aleatoriamente somente a partir do senso comum, mas, sim, coadunar este último ao conhecimento sociológico enquanto ciência. Ou seja, antes de iniciar determinado debate nas turmas escolares serão apresentadas uma introdução e uma pequena problematização sobre a temática em questão, para que seja possível traçar um panorama, cujo objetivo é servir como um guia às discussões, justamente para que não se confunda pura opinião subjetiva com conhecimento sociológico propriamente dito. Isso significa dizer que por mais importante que seja partir da realidade dos estudantes para trabalhar

determinada temática, entendemos que se faz necessária a manutenção de certo rigor científico nas abordagens, o que não deixa de ser, dentre outros, o papel docente. Nossa perspectiva, mais uma vez, encontra abrigo na BNCC, na qual é possível encontrar trechos reivindicando a organização lógica coerente e crítica no tocante à formulação de hipóteses e à construção de argumentos para sustentar determinado ponto de vista. Diz o documento:

A identificação de uma questão, a realização de recortes e a interpretação de fenômenos demandam uma organização lógica, coerente e crítica para a elaboração das hipóteses e para a construção da argumentação em torno das categorias selecionadas. Nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, analisar, relacionar, comparar e compreender contextos e identidades são condições para conhecer, problematizar, criticar e tomar posições (BRASIL, 2018, pp. 548-549).

Salientamos, ademais, a relevância de promover o debate sistemático e organizado enquanto ferramenta metodológica em sala de aula para o ensino de Sociologia. Entendemos que a organização desses espaços de diálogo, construção e reconstrução de visões de mundo traz benefícios a todos os atores sociais envolvidos, como os professores das escolas, os licenciandos em Ciências Sociais e os estudantes do ensino médio.

Frente ao exposto, podemos considerar que a avaliação por meio de propostas de debates, mesmo que muito conhecida e difundida, ainda se apresenta como importante método de ensino e aprendizagem para alunos de ensino médio, especialmente nas disciplinas que compõem o campo das Ciências Sociais. O que determinará o sucesso da ferramenta para avaliar o grupo depende de como serão organizados e planejados os conceitos e as categorias que serão abordados; como relacionar um cabedal de conceitos e como esses conceitos dialogam, de forma interdisciplinar – sinérgica e integrada –, com o cotidiano de seus alunos.

Desse modo, é visível que a complexidade que temos observado no mundo contemporâneo, oriunda da dinamicidade crescente do universo social, não cabe mais dentro dos limítrofes disciplinares. Em outras palavras, o conhecimento científico dos fenômenos que cercam os indivíduos não pode mais se limitar apenas aos “objetos” particulares de uma disciplina. Assim, se a nossa pretensão, enquanto professores, é a de contribuir para o progresso do ensino-aprendizagem e da prática pedagógica, faz-se necessário desprendermo-nos do monismo disciplinar e

buscarmos alternativas de integração e de diálogo que possam, de fato, apreender a sistematicidade da crescente complexidade da sociedade contemporânea.

Por este motivo, a ideia central dos debates sociológicos é a de fazer com que os alunos relacionem os conteúdos trabalhados nas aulas de Sociologia no ensino médio com os temas que serão abordados durante o projeto, a fim de buscarmos alternativas de expansão do diálogo, da interação, da interpretação e da sinergia. Características, essas, demasiadamente importantes para a consolidação das Ciências Sociais nos currículos escolares do ensino médio.

Ao fim e ao cabo, para muitos autores que trabalham a Sociologia na educação básica como objeto de pesquisa, é preciso focar na relação da Sociologia com o cotidiano dos alunos a partir de metodologias que podem mediar tal aproximação, além de torná-la atrativa para eles, como a organização desses espaços de debate, dentre outras. Portanto, entendemos que o diálogo e o debate podem, e muito, contribuir à compressão de uma série de fenômenos e teorias sociais que, muitas vezes, são demasiadamente abstratos para os jovens do ensino médio.

Referências Bibliográficas

BIRDI, Maria Aparecida. **Ensinar e Aprender Sociologia no Ensino Médio**. 1ªEd. São Paulo: Contexto, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 3ª Ed. 1994.

MORAES, Amaury C. O que temos de aprender para ensinar ciências sociais? In: **Cronos**, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 395-402, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://lastro.ufsc.br/files/2010/11/amaury.pdf>. Acesso em: 06 de Agosto de 2015.

ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: desafios e possibilidades no ensino de Sociologia

Sofia pessoa da Silva

Universidade Do Estado Do Rio Grande Do Norte

Amanda Lima Souza

Universidade Do Estado Do Rio Grande Do Norte

Emykson Sueyv Ribeiro Silva

Universidade Do Estado Do Rio Grande Do Norte

Juntamente com a reforma informacional técnica-científica globalizada fomentada no país na década de 80, inúmeras metodologias foram criadas e desenvolvidas para facilitar o ensino da Sociologia no sistema educacional brasileiro, a EaD (ensino a distância) começou a ser debatida na virada para século XXI, sendo vista como um modelo optativo e/ou complementar ao ensino tradicional presencial, tal metodologia ficou mais conhecida e difundida atualmente pela pandemia de Covid-19. Nesse contexto, as aulas presenciais foram suspensas e a introdução de uma nova modalidade de ensino foi necessária: o ensino remoto. As aulas passam a contar com o uso das tecnologias da informação e da comunicação (TICS). Diante da impossibilidade da realização de aulas presenciais, professores do mundo inteiro precisaram se reinventar, no sentido de sair da zona de conforto da modalidade de ensino presencial e se adaptar ao uso das novas tecnologias inerentes ao ensino remoto, que muitos ainda não eram acostumados ou, tampouco, sabiam fazer uso de tais ferramentas. No Brasil, essa realidade não foi diferente, pegos de surpresa, professores precisaram recorrer aos tutoriais no YouTube de como usar o Google Meet, como abrir uma conta no Google Classroom, como gravar videoaulas, dentre tantos outros recursos disponíveis nesse universo virtual. Em detrimento disso, se faz necessário pesquisar sobre a temática e todas as discussões que a envolvem.

O presente aporte científico tem por objetivo investigar e expor indicadores qualitativos acerca de metodologias utilizadas no ensino de Sociologia no grau escolar de ensino médio, analisando a partir da perspectiva de alunos do estado do Rio Grande Do Norte e do Ceará (arquétipos de educação distintos), sua

experiência com esse modelo, visando os aspectos positivos e negativos nessa forma de ensino, contando, ainda, com as concepções de professores aferindo e discorrendo sobre metodologias utilizadas no contexto de pandemia.

Por se tratar de uma pesquisa enviesada por uma temática exterior aos investigadores, em que opiniões e interpretações de terceiros são indispensáveis para o andamento da produção científica, a pesquisa de campo se faz necessária, porém, a OMS (Organização Mundial de Saúde) estabelece regras de isolamento social para a contenção do coronavírus, por esse motivo a pesquisa de campo foi feita da forma remota, utilizando o Google Forms e o site Mentimeter como dispositivos de coleta e armazenamento de dados, uma vez que foram elaboradas questões para os alunos e indagações específicas para os professores, com o intuito de evidenciar as práticas pedagógicas no ensino remoto em tempos de pandemia. Foram feitas 50 entrevistas com alunos divididas em 4 escolas, IFRN-campus Apodi, E.E. Moreira Dias Mossoró, E.E. José Martins de Vasconcelos-Mossoró e E.E.P. Elsa Maria Porto Costa Lima-Aracati, com alunos do 1º ao 4º anos em que responderam perguntas sobre quais ferramentas utilizaram para assistirem as aulas, autoavaliação escolar, sobre a volta das aulas presenciais, dentre outras. Os professores também responderam perguntas sobre a metodologia utilizada, sobre a preparação das aulas, além de outras perguntas pertinentes à temática.

Os discentes alegaram como pontos positivos do modelo remoto, o distanciamento social que impediu o aumento de casos de Covid-19, bem como o conforto de estarem em casa e as “novas experiências e aprendizagens no mundo digital”. Em contrapartida, os alunos ressaltaram o cansaço de passar horas em frente ao computador e/ou celular, a dificuldade de usar as plataformas de ensino, a falta de foco e o problema de adaptar a Sociologia ao meio digital, uma vez que um dos alunos destacou que “a Sociologia é um ensino em grupo e de pensamento sobre a sociedade e a cidadania” e necessita de um contato mais próximo.

Além de aprender a ensinar remotamente, os professores tiveram que mudar muito ou todo o ensino para um ambiente virtual, pelo menos, durante os períodos de picos da pandemia. Isso significou ter que adquirir ou aumentar sua própria proficiência digital, que variou desde o domínio de ferramentas técnicas até o

desenvolvimento de novas pedagogias, como o gerenciamento de trabalhos em grupo e avaliações on-line.

A pesquisa em tela também contemplou as dificuldades mais gerais encontradas pelos docentes em relação ao ensino remoto. Todos relataram que não tinham experiência anterior com o ensino a distância, salvo algumas experiências relatadas que se restringiram à participação em conferências. Apontam como principais desafios: a dificuldade de interação com os alunos, a impessoalidade do contato, que torna a dinâmica professor e aluno algo distante, e a dificuldade com o uso da tecnologia. Das quatro escolas que participaram da pesquisa, apenas uma ofereceu curso de formação sobre o uso de plataformas virtuais e aplicativos. Os demais professores relataram que precisaram aprender sozinhos a utilizarem plataformas de ensino, realizando pesquisas individuais e a cooperação mútua dos colegas que se ajudaram nesse processo.

No decorrer da pesquisa, as experiências relatadas por alguns docentes demonstram que o rendimento dos alunos teve um declínio no processo de ensino e aprendizagem com a introdução do ensino remoto e a consequente utilização das plataformas digitais para o desenvolvimento de aulas e atividades. Não obstante, apresenta alguns resultados parciais no tocante ao comportamento de alunos do ensino médio de escolas públicas nas cidades de Mossoró/RN, Apodi/RN, Governador Dix-Sept Rosado/RN e Aracati/Ce.

A maior dificuldade relatada por alunos e professores é, sem dúvida, a falta do contato físico tão habitual no cotidiano escolar, que promove naturalmente uma maior interação dos alunos nas aulas presenciais. É perceptível que a sobrecarga e o acúmulo de tarefas dos professores podem refletir no ensino remoto e afetarem os alunos. No entanto, apesar dos percalços, os alunos conseguem avaliar positivamente o ensino remoto, demonstrando que essa modalidade de ensino pode ser aprimorada e bem aproveitada, desde que os atores desse processo disponham das condições indispensáveis para essa finalidade. Embora a pandemia tenha potencializado e evidenciado as desigualdades já gritantes na lacuna de desempenho na esfera social e acadêmica, é impossível saber quais serão os efeitos em cascata nas perspectivas dos padrões pré e pós-pandêmicos quando se trata de sucesso a longo prazo para os alunos e professores.

Referências Bibliográficas

ARRUDA, Eucídio Pimenta; ARRUDA, Durcelina Ereni Pimenta. EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA NO BRASIL: Políticas Públicas E Democratização Do Acesso Ao Ensino Superior. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 03, p. 321-338, jul. 2015. Trimestral.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silva. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, vol. 2 nº 1 (3), p. 68-80, janeiro-julho/2005

BRASIL já aplicou a primeira dose de vacinas contra Covid em mais de 45,6 milhões de pessoas: Levantamento junto a secretarias de Saúde aponta que 45.697.957 pessoas tomaram a primeira dose e 22.189.211 a segunda, num total de mais de 67,8 de doses aplicadas, segundo dados do consorcio de veículos de imprensa que divulga diariamente os dados de imunização no país.. Brasil: G1, 31 maio 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/05/31/brasil-ja-aplicou-a-primeira-dosedevacinas-contracovid-em-mais-de-456-milhoes-de-pessoas.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2022.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F . Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 25.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORAES, Amaury. ENSINO DE SOCIOLOGIA: Periodização E Campanha Pela Obrigatoriedade. **Cedes**, Campinas, v. 31, n. 85, p. 359-382, Set, 2011. Trimestral.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução À Pesquisa Em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa**. São Paulo: ATLAS S.A, 1987. 175 p. ISBN 85-224-0273-6.

INDIANIDADE E EDUCAÇÃO ESCOLAR: apontamentos sobre experiências no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

Mirela Santiago Santos
Universidade Federal da Bahia

Táise Chates
Universidade Federal de São Carlos

O genocídio contra os povos indígenas, assim como a negação e a invisibilização das histórias e culturas dos povos indígenas no Brasil é quase um lugar comum. Apesar disso, os esforços em direção ao enfrentamento desses problemas de maneira justa não são igualmente generalizados. Os efeitos disso são muitos e presentes em diferentes campos da vida, não contamos com a implementação devida de direitos reparatórios, nem com o direito constitucional previsto na Constituição de 1988, que garante aos povos indígenas brasileiros viver de acordo com seus modos de vida, bem como ao Estado brasileiro defender e garantir tais direitos:

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (BRASIL, 2022, p. 188).

Aqui, falamos um pouco sobre o trabalho que vem sendo realizado há anos, principalmente no âmbito do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA e contou com atividades relacionadas à pesquisa, ao ensino e à extensão.

Depois de séculos de colonização, a Lei nº 11.645/08 passou a obrigar o ensino de histórias e culturas também dos povos indígenas, além das histórias dos povos africanos e afrobrasileiros, complementando a Lei nº 10649/03. As discussões sobre a importância de se descolonizar, ou decolonizar, a escola ficaram cada vez mais fortes. Porém, em que medida nos debruçamos sobre a transformação da escola enquanto instituição social de maneira mais profunda? Será que não estamos em amarras atadas pelas concepções e práticas historicamente consolidadas em torno da escola, assim como de muitas outras instituições de origem europeia que até hoje vem servindo como base para a maior parte das organizações sociais?

Nos interessa problematizar a escola e a escolarização em relação a tais questões, levando em consideração o negligenciamento da imensa diversidade e fartura dos conhecimentos e povos indígenas. Para isso, levamos em conta as possibilidades de abordar e refletir sobre as culturas indígenas no ambiente escolar para além do 19 de abril. Por muito tempo, a temática indígena na escola se resumiu ao “Dia do Índio”, sem outras discussões ao longo do ano letivo e com a perpetuação de uma visão romântica destes povos.

A temática indígena pode estar presente na educação escolar para além do currículo, sem menosprezar sua importância e obrigatoriedade, mas abrindo espaço para as estratégias e metodologias que valorizem o diálogo através da interculturalidade, dentro e fora da sala de aula. Esta, de forma breve, pode ser entendida como meio de combate à discriminação e ao racismo, mas também uma “mistura de conhecimento diversa” (APINAJÉ, 2017, p. 76), considerando que “não existe conhecimento maior, apenas conhecimento diferente, conforme a realidade de cada sociedade e espaço” (APINAJÉ, 2017, p. 78).

Com tanta invisibilização dos povos, culturas e histórias indígenas nas escolas brasileiras, fica mais difícil avançar em relação às questões inerentes à sala de aula sobre indianidade. Dessa maneira, observamos uma tendência, infelizmente e ainda, em cair em abordagens que reforcem, mesmo que sem intenção, o racismo contra os indígenas, seja através da imagem de “índio genérico”, da homogeneização dos povos indígenas ou da reprodução da ideia de “bom selvagem”. Para contribuir para a desconstrução desses aspectos, relatamos e problematizamos situações que experimentamos ao longo da última década no ensino, na pesquisa e na extensão no IFBA, principalmente na disciplina de Sociologia.

Referências Bibliográficas

APINAJÉ, Júlio Kamêr R. Processo de Educação Intercultural: possíveis reflexões. In: LANDA, Mariano Báez; HERBETTA, Alexandre Ferraz (org.). **Educação indígena e interculturalidade: um debate epistemológico e político**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, p. 74-81, 2017. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/ebook_educacao_indigena.pdf. Acesso em: 05 nov. 2022.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2022. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2022.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura AfroBrasileira e Indígena”. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm Acesso em: 06 nov. 2022.

TRENDS DO TIKTOK: uso de canções no ensino de Sociologia

Camila da Silva Melo
Universidade Federal de Alagoas

O presente trabalho é a síntese de uma das propostas didáticas do conjunto da obra *Canções como recursos para o ensino de Sociologia*, da Editora/Blog Café com Sociologia, na qual detenho os direitos autorais do texto intitulado **“Faz a pose, olha o flash”**: representações do feminino e violência simbólica nas composições das *trends* do TikTok.

A proposta é apresentar um plano de aula para a disciplina de Sociologia que objetiva observar de quais maneiras a mulher é representada nos cortes das canções que se transformam em *trends* (tendências virais) no aplicativo TikTok e como as representações do feminino e da violência sexual e simbólica vêm se expressando nessas composições. O TikTok é uma mídia social chinesa que permite criar e compartilhar vídeos curtos de até 60 segundos, conquistando o público entre 13 e 24 anos, sendo uma das redes sociais que tem maior participação de jovens e adolescentes, segundo dados da própria plataforma (TIKTOK, 2021).

Com performances curtas e descontraídas, hoje já é marca popular entre os jovens. Uma prática que se espalhou com tanta rapidez em contexto de pandemia, que poucas pessoas não reconhecem ao menos uma canção e/ou coreografia das *trends*. As *trends* são as tendências dentro do aplicativo. Os conteúdos mais visualizados, como desafios, músicas, tutoriais, dublagens etc., que estão sendo reproduzidos e viralizam dentro da plataforma.

É diante desse cenário, que se evidencia em muitas das *trends*, cortes de composições que colocam a mulher como “atrativo”, figuras “carimbadas” nas divulgações, coreografias e produções (que já são pensadas estrategicamente para “viralizar”). Seu corpo, suas histórias e formas tornam a propaganda mais “eficaz”, mais “viral” e garantem com frequência as tendências no aplicativo. Neste sentido, considerando o contexto histórico, cultural e estético do público-alvo (jovens e adolescentes) optar por canções que estão presentes “no contexto social dos estudantes, será uma maneira provável para que eles se interessem em lê-la, ouvi-la ou discuti-la” (BODART, 2021, p. 27), contextualizando e gerando proximidade com a vida cotidiana.

Tal temática dialoga com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) no que diz respeito à identificação de diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais. Trata-se de uma atividade educativa importante para a promoção de uma “percepção figuracional da realidade social” e, conseqüentemente, de problematização das formas de violência, preconceito e gênero. Por “percepção figuracional da realidade social”, entendemos de acordo com Bodart, como:

competência de: a) refletir os fenômenos sociais de forma historicizada, considerando os conflitos e as acomodações que se dão a partir de correlações de poder que conformam cada objeto em estudo; b) pensar as relações de interdependência entre indivíduo e sociedade, assim como indivíduo e estrutura; c) olhar as estruturas e relações sociais como resultados de movimentos históricos dialéticos sempre inacabados e; d) considerar o papel dos ‘constrangimentos exteriores’ para moldar as ‘estruturas interiores’ dos indivíduos e esses às estruturas sociais, o que se dá dialeticamente (BODART, 2021, p. 148).

Tomando esses pontos e considerando o contexto situacional, a escolha das canções,—destaca produções que perpassam desde o interior das periferias nordestinas até cariocas e paulistanas, e que tiveram destaque nas *trends* do TikTok nos anos de 2021. Em sua maioria, as canções possuem algumas linguagens inapropriadas, todavia, a partir das intencionalidades sistemáticas propostas, compreendemos, inclusive, essa caracterização discursiva como elemento necessário para a contextualização do lugar de produção que se relaciona com as estéticas, as linguagens, os vestuários e as danças específicas, e que são elementos de produção e consumo que precisam ser considerados na análise sociológica. No entanto, de acordo com o ambiente escolar e a faixa etária dos estudantes, é possível optar por ter acesso às versões “limpas” (censuradas).

As canções propostas para refletir e compreender os temas acerca de “feminismo”, “relações de gênero”, “poder”, “patriarcado”, “dominação masculina” e “violência” possuem um contexto relacional conectado ao cotidiano das pessoas. As letras possibilitam identificar um conjunto de aspectos presentes na figuração

social, permitindo uma abordagem que propicie explorar outros temas relacionados a discussões mais amplas sobre as relações de gênero.

Os referidos “cortes virais” das canções apresentam discursos com peculiaridades patriarcais, machistas e heterossexistas, sendo observadas formas de sociabilidade em que a figura feminina, frequentemente, aparece como um ser submisso e voltado para o atendimento da satisfação dos desejos masculinos. Nestas canções podem ser exploradas diversas temáticas sociais, porém destacando-se um maior tratamento sociológico sobre as formas de violência. Esse contexto marca as composições propostas e também outras canções dispostas na rede social já referenciadas anteriormente, em que o processo de violência é bastante naturalizado. Muitas vezes, sendo exercida “pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2007, p. 7-8). Bourdieu (1989) reconhece essa violência como sendo:

[...] forma de coação que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada, seja ela econômica, social ou simbólica. A violência simbólica se funda na fabricação contínua de crenças no processo de socialização, que induzem o indivíduo a se posicionar no espaço social seguindo critérios e padrões do discurso dominante. Devido a este conhecimento do discurso dominante, a violência simbólica é a manifestação deste conhecimento através do reconhecimento da legitimidade deste discurso dominante (BOURDIEU, 1989, p. 14).

É nesse contexto midiático das *trends* virais, um “lugar comum”, despretenso e quase inocente em que se ouve “é só uma dancinha”, que se propagam diversas formas de violência. Assim, pretende-se, por meio dessa proposta de atividade educativa, apresentar caminhos para provocar, entre os estudantes, discussões mais amplas sobre as relações de gênero e violência contra a mulher no Brasil e no mundo.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < Page 16 568 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>.

BODART, Cristiano das Neves. **Usos de canções no ensino de Sociologia**. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2ª ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kuller. 2º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 73 p. Disponível em: <http://www.sertao.ufg.br/uploads/16/original_BOURDIEU_Pierre_A_domina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?1332946646>. Acesso em: 08 junho. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

SANTOS, Mariana de O; CURSINO, Mariana G; SANTOS, Vivian M. S; “Nós gosta de novinha” Representações do feminino e violência simbólica contra as mulheres nas composições dos MCs Sheldon e Boco. In: **18º Encontro da REDOR - Projeto Mulher Ciência**, 2014. Universidade Federal Rural de Pernambuco. RECIFE, 2014. P.3421-3437.

TIKTOK.**Make Your Day**. 2021. Disponível em: <https://www.tiktok.com/pt_BR/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

TROTTA, Felipe Costa da Música e mercado: a força das classificações. **Contemporânea**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 181-196, jul-dez, 2005. Acesso em: em: 08 abril. 2022.